

A Experiência de Pesquisa Oral sobre o Esporte na Antiguidade

André Silva Santana

RESUMO

A ideia de apresentar a experiência de pesquisa em torno das práticas corporais no contexto da Antiguidade e transformá-la em formato de podcast surgiu a partir dos estudos desenvolvidos para a disciplina Prática Curricular Imagem e Som I, ministrada pelo professor João Júlio Gomes, na terceira fase da graduação. O objetivo foi explorar e compreender as práticas corporais no mundo antigo, estabelecendo relações e distinções com o que atualmente conhecemos como esporte, considerando suas diferenças históricas. O estudo partiu do recorte temático do esporte permitindo pesquisas que possibilitaram analisar as perspectivas sobre a prática esportiva e identificar elementos que, na Antiguidade, iam além do conceito moderno de esporte. A escolha de focar nas Olimpíadas antigas ocorreu devido à proximidade temporal com uma edição recente dos Jogos Olímpicos modernos. Houve o cuidado em evitar anacronismos. O desenvolvimento do projeto final contou com aulas teóricas sobre história oral, oficinas de roteirização, gravação e edição de áudio. A busca por entrevistados partiu da iniciativa dos próprios estudantes da disciplina. A entrevista principal foi realizada com o professor Filipe Noé, docente de História Antiga e Medieval na UDESC, com mestrado e doutorado pela UNICAMP. Na entrevista ele abordou as Olimpíadas antigas e as práticas corporais gregas, aprofundando aspectos históricos e culturais. O entrevistado faz uma análise histórica e social da prática esportiva no mundo antigo, também analisando a participação de mulheres, as representações iconográficas e o legado cultural grego. O trabalho contribui para a reflexão das continuidades e descontinuidades entre as práticas corporais antigas e os esportes contemporâneos.

Palavras-chaves

Olimpíadas; Antiguidade; Práticas.

Corpo de Texto

A experiência de pesquisa é um dos principais pilares da formação de um historiador durante toda a sua jornada na graduação, desde o primeiro semestre já somos introduzidos a pesquisas com a matéria de Iniciação à Pesquisa Histórica (IPH), lá iniciamos os primeiros passos da história como campo de estudos de documentos e acervos, aprendemos a ler as fontes, aplicando a devida criticidade e fazendo uma leitura a contrapelo, nessas investigações também acabamos nos deparando com novas fontes para pesquisas históricas na qual a partir destas iremos seleciona-las, usar e problematiza-las. Após os primeiros passos na iniciação da pesquisa histórica e uso das fontes, ocorre especificamente durante a terceira fase da graduação (realizado em 2024.2), surge como desafio a disciplina obrigatória de Prática Curricular Imagem e Som I (Áudio), no campo de conhecimento de áudios com o intuito de usar fontes sonoras na produção de conhecimentos históricos, com enfoque em oralidades e usos de meios de mídias. A disciplina foi ministrada pelo Professor João Júlio Gomes dos Santos Junior¹, que tem interesses em história do esporte e trabalhos na área. A emenda da disciplina do curso de graduação em história pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), trazia como trabalho final uma produção de podcast com o tema de esporte, mas teríamos como ênfase a temática histórica, seria a segunda temporada do projeto que já havia sido iniciada anteriormente. No texto “A história em podcasts: Aspectos teórico-metodológicos a partir de duas experiências acadêmicas em divulgação científica” define podcast como:

“uma forma de publicação de ficheiros multimídia [...] na Internet, e [que permite] aos utilizadores acompanhar a sua atualização”. Conectar-se a uma mídia podcast pode evidenciar formas contemporâneas de experimentar o tempo, já que permite tanto a autonomia de escolha do que será ouvido como do quando ouvir. Aqueles de conteúdo ou abordagem histórica podem fornecer discussões aprimoradas de passados ou simplesmente possibilitar um modo mais estético de relação com o histórico (ou ser ele próprio, o podcast, um elemento de acesso mais “interessante” porque menos legitimamente ligado às práticas científicas tradicionais de produção e difusão do conhecimento histórico). (ASSUNÇÃO; MARTINS. 2024. p. 284)

O processo de produzir um programa de áudio digital para plataformas online, inicialmente pareceu algo desafiador por ser uma novidade nesta fase da formação, mas foi disponibilizado todo um aparato teórico para entendermos melhor sobre o uso de áudios na historiografia, como se dá

¹ Professor Adjunto do Departamento de História da UDESC/FAED (Desde 2023), é Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UDESC) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/FAED/UDESC).

essas integrações entre novas tecnologias a pesquisa histórica, como implica em unir novos meios tecnológicos com estudos do passado que sempre é visto como algo visto como arcaico, como novos meios de registros facilitam o trabalho de historiador em sistematizar informações. O primeiro contato com o assunto veio através da disponibilização de uma extensa bibliografia que buscava explicar como a história oral num contexto tecnológico em paralelo com a história ainda é um desafio:

As novas tecnologias também multiplicam os documentos orais que não decorrem exatamente de história oral, mas aos quais precisamos dar atenção: os audiolivros, as videocartas e, mais além, como integrar o conteúdo dos inúmeros fóruns da Internet, ou das páginas de simples particulares na Web? Paradoxalmente, voltamos à escrita, mas a uma escrita muito mais amplamente difundida, mesmo que hoje envolve apenas uma minoria. (Joutard, 2000. p. 42)

Além da disponibilização de uma ampla bibliografia para adentrarmos o tema, houve também o auxílio de aulas práticas com oficinas de gravação, roteirização, edição e publicação. As atividades práticas ocorreram com o apoio do Laboratório de Imagem e Som (LIS), local ao qual o professor João Júlio está vinculado, essas aulas foram uma espécie de amparo aos docentes que tinham pouca ou nenhuma experiência com edição de áudios e produção de podcasts. O grupo ao qual fiz parte foi composto por quatro docentes: Adriana Moraes; Bruna Yukari Maeda; Maria Luisa de Moraes e André Silva Santana (eu). Com as definições estabelecidas foram iniciadas os workshops; a primeira oficina foi a ser ministrada foi de gravação, com a ajuda das monitoras da disciplina tivemos os primeiros contatos com os equipamentos de gravação, aprendemos o funcionamento de gravadores e suas configurações e as facilidades de operar o equipamento, o tipo de ambiente controlado em que possa ser gravado sem interferências externas e com o mínimo de ruídos possível, o correto posicionamento do microfone em lapelas que mantivesse o foco na voz e como deixar livres de interferências que pudesse abafar o som e prejudicar o resultado da gravação sem abafar a voz dos entrevistadores e do entrevistado, onde implicaria na necessidade de uma regravação do material já feito. Além dos aparatos técnicos é também na oficina de gravação dá o tom da história que queremos contar e como será feita essas entrevistas e quantas pessoas podem ser entrevistada, se é num estilo narrativo ou em tom de conversas, e o ponto crucial é o armazenamento dos arquivos gravados aos quais somos aconselhados a serem sempre renomeados para não haver perdas durante o processo futuro de edição.

A segunda oficina foi a de roteirização, a importância de ter um roteiro com estrutura permite que o entrevistador não se perca durante a entrevista, elaborar previamente as perguntas que serão feitas ao entrevistado garante uma consistência e agilidade ao decorrer do processo, minimiza as chances de perder o foco e aprofunda a entrevista. Através do roteiro se define o enredo

e que argumentos querem passar através da fala, uma narrativa que se conecte ao público que irá ouvir, dando uma estruturação de introdução, desenvolvimento e conclusão. A terceira oficina foi a edição, teve o teor mais técnico a nós historiadores em formação que estamos mais interligados a materialidade, esta oficina nos exigiu uma maior concentração, era algo novo para nós, editar requer uma atenção especial pois é nesse momento em que separamos “o joio do trigo” numa seleção criteriosa onde será descartados partes importantes do que já foram gravado, tirar vícios de linguagens, eliminar qualquer tipo de ruído em programas de tratamentos de voz, também fica a cargo da edição os efeitos sonoros e transições suaves entre cortes, ajustes de volumes para manter essa fluidez no áudio. A última oficina mesclou edição e publicação, tivemos acessos a coisas importantes como o documento de concessão de direitos a qual o entrevistado tem que assinar, nesse documento ele concede ao grupo o direito de publicar o podcast numa plataforma de áudio, e finalizado todo processo das oficinas já é possível iniciar as gravações.

Passado todas essas instruções se inicia o processo de finalmente adentrar a entrevista, escolher quem será entrevistado e como pode se adequar ao recorte de esporte proposto pelo docente e ter o viés histórico necessário, analisar possibilidades tendo em mente a ideia de que pode ser necessário refazer alguma parte. Nessa fase também coube ao grupo (de quatro alunos) fazer a divisão de etapas para cada pessoa do grupo, inicialmente todos os integrantes ficaram responsáveis pela pesquisa e produção, e chegou em consenso do nome a ser entrevistado. O trabalho estava em produção no terceiro semestre em 2024.2, período em que ocorriam os 33ª edição dos Jogos Olímpicos, realizada entre 26 de julho a 11 de agosto do mesmo ano em Paris na França, a proximidade dos recém finalizados jogos olímpicos nos despertou interesse de usar esse tema em nossa produção acadêmica. O grupo escolheu para ser entrevistado o professor Filipe Noé da Silva², professor da universidade em que estamos nos graduando e que já tínhamos uns conhecimentos prévios de dois semestres anteriores, na qual ele lecionou História Antiga e História Medieval, o fato de estarmos na mesma universidade também facilitava o processo de gravação a depender da disponibilidade do entrevistado. Numa conversa prévia fica definido que os pontos a serem abordados na entrevista, que viria ser em formato de mesacast onde os entrevistadores ficam em volta de uma mesa e fazem perguntas em tom mais descontraído de um tema específico de formas dinâmicas. O local escolhido para gravar foi uma das salas de estudos da biblioteca central do

² Professor adjunto da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde leciona História Antiga e Medieval e integra o PPGH, o PROFHISTÓRIA e o Laboratório AYA. Graduado pela PUC-Campinas, é mestre e doutor em História pela UNICAMP, instituição na qual atuou como professor colaborador entre 2020 e 2022. Foi pesquisador visitante na Universitat de Barcelona, junto ao CEIPAC.

campus , por sua boa acústica previamente testada, além de ser um espaço mais reservado onde não teríamos interrupções externas, já tínhamos em mente desde as oficinas o quanto seria importante ao processo de gravação ter um ambiente controlado.

Para iniciar o podcast com uma consistência, definimos uma pergunta norteadora que deu o tom da conversa: “o que realmente sabemos sobre os Jogos Gregos na Antiguidade?” e a partir dela adentramos no assunto, deixando claro desde o início da entrevista que todas as vezes que usássemos a palavra esporte ou esportista a qual evitamos ao máximo, estaríamos cometendo anacronismo, pois a ideia de esporte não existia na antiguidade. Desde o começo da entrevista o professor Filipe Noé deixou claro que não era um especialista em esporte mas que através dos seus conhecimentos sobre antiguidade ia falar sobre as práticas corporais dos gregos, também pontuou que os jogos olímpicos atuais não é em si uma herança das tradições gregas antigas e que há diferenças entre o mundo antigo e o mundo contemporâneo (por mais óbvio que isso possa soar) e que os gregos não nos deixa nenhuma herança, mas deixou um enorme legado cultural de fontes escritas e arqueológicas como outras sociedades também produziram e deixaram. As olimpíadas entram nesse escopo, nos atuais jogos olímpicos temos as competições entre estados nacionais, algo que não existia na antiguidade, eram cidades que não cultivam esse viés nacionalista que temos atualmente. Ainda nessa esfera de diferenças, questionamos ao entrevistado se outras sociedades como a romana tiveram alguma herança (usando palavra de senso comum) das práticas corporais gregas antigas, nos foi respondido que os romanos criaram muitas coisas tendo os gregos como base e reforçou a fala citando o poeta latino Horácio que dizia que os romanos conquistaram a Grécia mas eles que foram capturados no sentido cultural, criando um intercâmbio de situações e trocas.

Questionamos uma dúvida que surgiu a nosso grupo durante a elaboração do roteiro, para contextualizar, sabemos que eventos esportivos modernos como a Copa do mundo de futebol masculino e até mesmo os jogos olímpicos da modernidade já foram interrompidos por eventos políticos como momentos específicos da Guerra Fria e as duas guerras mundiais, daí veio o nosso questionamento se os jogos olímpicos gregos também tinham um caráter politizado. E nos foi respondido que sim, o entrevistado cita a democracia Ateniense, e comenta uma discussão sobre os gastos em festivais e que essa discussão questionava se os atenienses gastavam mais com guerras ou com festivais, nesse período esperava-se que os ricos contribuíssem mais com as demandas da cidade, em grego chamam isso de liturgia,, apesar da palavra ser atrelada na modernidade ao cristianismo mas na sua origem ela significava essa espécie de patrocínio, então poderia facilmente uma rico mais abastado patrocinar esses festivais, e a sociedade também poderia questionar se esses gastos públicos, isso é algo totalmente político nos assuntos da polis. É político nas escolhas de quem participa, de quem está dentro e cada cidade vai ter a sua regra para seus festivais. As dúvidas

mais comuns que surgia em nossas pesquisas na pré-produção do roteiro sempre nos deparamos com referências breves sobre os jogos antigos serem em si uma forma de homenagear os deuses, o nosso entrevistador nos confirma que sim, cada celebração os gregos acreditavam que fossem agradar aos deuses e cada cidade tinha seu deus ou sua deusa para cultuar, essas celebrações sempre envolviam sacrifícios em nome desses deuses e nesses festivais as pessoas davam o melhor de si. E nesse caso o melhor de si envolviam uma preparação e treinamentos árduos com dedicação de corpo e alma naquilo.

Os cuidados de evitar anacronismo sempre foi uma das preocupações durante a elaboração das perguntas, fica sempre tido como mais fácil fazer esse julgamento do passado com base nas vivências do presente, nossas dúvidas em relação às práticas culturais gregas e esse grande importância do cuidado com o corpo colocaram essas práticas num patamar elevado dentro da cultura grega. Como resposta descobrimos que o reconhecimento da importância das atividades físicas num discurso médico com um ponto de vista curativo desde a antiguidade, mas também entra no âmbito filosófico pois há de ter um perfeito equilíbrio de cuidado entre o físico e o intelecto. No recém finalizado Jogos Olímpicos pouco antes da nossa gravação em que tinha ocorrido uma situação até então inédita na delegação olímpica brasileira, as mulheres ultrapassaram os homens em números de medalhas conquistadas, 12 das 20 totais, sendo três delas o local mais alto do pódio, a medalha de ouro. E esse desempenho nos fez questionar qual a participação das mulheres nesses Jogos Olímpicos antigos se é que havia alguma participação. O entrevistador nos confirma que as mulheres participavam de festivais esportivos, quase não aparece nas fontes e nas documentações em que elas aparecem, é sempre de forma tímida pois são fontes masculinas e a participação das mulheres são sempre diminuídas. Há registro de mulheres em corridas longas e curtas nesses festivais esportivos, mas um evento exclusivamente feminino como foi nossa dúvida, o entrevistado disse desconhecer.

Finalizamos a rápida entrevista pois a ideia do podcast era ser algo super dinâmico e foi estipulado em aula que teria no máximo 20 minutos, apesar de sempre querer saber mais tivemos que nos adequar ao tempo necessário previsto pois era acima de tudo um trabalho acadêmico no qual seríamos avaliados e por isso tinha que seguir alguns requisitos, mesclar antiguidade com o tema do podcast foi um desafio, equilibrar o conhecimento histórico com esporte, uma área que foge totalmente do que fazemos academicamente, nenhum dos alunos do grupo tinha experiências esportivas, mas o interesse em comum dos integrantes por antiguidade foi o ponto de partida para o tema. As gravações que ocorreu toda em apenas um dia, ocorreu tudo conforme o esperado, sem nenhum imprevisto, ao fim desse processo chegou o momento de colocar em prática todos os ensinamentos da oficina. Um dos processos mais demorados além da edição foi o processo de

transcrição do áudio que coube um trabalho minucioso de ouvir toda a gravação e transcrever em world, para a edição de vozes e retirada de ruídos utilizamos o aplicativo de edição Adobe Premiere que deixou o áudio mais limpo dos inevitáveis barulhos que acontece mesmo num espaço controlado, esse mesmo aplicativo ainda tinha a função de transição entre um áudio e outro ajudando nos cortes, evitando cortes bruscos e dando a fluidez necessária a gravação.

Concluído todo os processos de edição, entregamos ao entrevistado o documento de concessão de direitos da gravação e toda a transcrição do produto final para que ele pudesse ler e decidir se iria ceder os direitos, após a assinatura de autorização coube ao grupo criar uma imagem de capa para o podcast que iria ser postado no aplicativo de música Spotify e um pequeno texto descritivo. Ao fim desse processo e entregas dos podcast, foi realizada uma escuta coletiva no Laboratório de Imagem e Som (LIS), apresentamos o resultado final do trabalho numa escuta coletivas com toda a turma, tivemos a oportunidade de ouvir dos colegas seus desafios no processo de pesquisa e produção, também recebemos nosso feedback pessoal e compartilhamos a jornada de criação do trabalho. Num balanço geral foi um processo que deu certo, nosso problema maior foi essencialmente o tempo no qual estouramos uma parte do previsto, levamos a questão ao docente para evitar cortar algo que fizesse diferença no resultado final.

O processo de se aprofundar no fazer história oral deu novas possibilidades a formação acadêmica, já tínhamos contatos contadores de histórias e detentores de conhecimentos como os griots ³, pessoas comumente citadas na matéria de História da África I, que são os responsáveis por manter suas tradições vivas, espalhar conhecimentos às novas gerações. Manter vivas as lendas e tradições está cada vez mais ao nosso alcance como historiadores, especialmente quando consideramos povos indígenas, comunidades quilombolas e ribeirinhas, que preservam de forma resistente seus saberes e práticas culturais através da oralidade. Nesse contexto, a história oral, aliada às novas tecnologias, torna-se imprescindível: além de dar voz a grupos frequentemente excluídos dos registros oficiais, amplia o alcance dessas narrativas, facilitando sua transmissão e preservação para um público mais amplo. A tecnologia contribui para registrar essas memórias com maior qualidade, difundi-las por diferentes plataformas e garantir que essas vozes circulem para além de seus territórios de origem. Ao unir tradição e inovação, fortalecemos a memória coletiva e asseguramos que esses conhecimentos continuem inspirando novas gerações.

O processo de formação do historiador é algo vivo e está sempre em constante mudanças, ao usar novas linguagens, métodos e tecnologia o trabalho é ampliado com novas ferramentas de

³ Para alguns povos da África, os griots são aqueles que contam as histórias, narram os acontecimentos de um povo, passando as tradições para as gerações futuras.

pesquisa, mas também as formas de nos conectar com as memórias e com as pessoas que as preservam. Essas inovações não rompem com os modos tradicionais; ao contrário, fortalecem a prática do historiador ao abrir espaço para diferentes modos de registrar o passado e permitir que vozes antes silenciadas possam finalmente ser ouvidas. Vivenciar na prática a produção de um podcast, aprender a lidar com materiais sonoros, organizar entrevistas e transformar todas essas narrativas em conhecimento histórico foi, para mim, um exercício de descoberta. Senti na prática que a história oral em meios digitais não é apenas um método acadêmico, mas uma espécie ponte entre mundos que muitas vezes não se encontram: o acadêmico, o passado e o presente, a memória individual e a coletiva. Por isso, cultivamos a esperança de que futuras gerações de historiadores possam continuar ampliando esses horizontes, explorando com criatividade e responsabilidade as tecnologias que surgirem, sem perder de vista o compromisso ético que sustenta nossa disciplina. Acredito que, ao unir rigor metodológico, abertura ao novo e sensibilidade diante das histórias que nos são confiadas, construiremos formas de conhecimento cada vez mais humanas, plurais e transformadoras e é justamente essa possibilidade que torna o futuro da História tão promissor e inspirador.

Referências:

DILLMANN, M.; BONETE, W. J. **A história em podcasts: Aspectos teórico-metodológicos a partir de duas experiências acadêmicas em divulgação científica.** Em: ASSUNÇÃO, C. L. F. B. DE; MARTINS, M. C. B. (Eds.). Escrita, teoria e metodologia da História. Vassouras, RJ: Universidade de Vassouras, 2024. p. 283–302.

JOUTARD, Philippe. **“Desafios à história oral do século XXI”.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CPDOC-FGV, 2000. p. 31-45

REDAÇÃO DO ge. **Olimpíadas das mulheres: veja a evolução das brasileiras no quadro de medalhas.** ge, 11 de agosto. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/11/olimpiadas-das-mulheres-veja-a-evolucao-das-brasileiras-no-quadro-de-medalhas.ghtml>. Acesso em: 09 dezembro. 2025.

SOUZA, Raone Ferreira. **O podcast no ensino de história e as demandas do tempo presente: que possibilidades?** In: Revista Transversos. Rio de Janeiro, n. 11, pp.42-62, Ano 04. dez. 2017.